

*L'invention du naturel:  
les sciences et la fabrication du féminin et du  
masculin\**

Silvia F. de M. Figueirôa\*\*

Esse livro reúne grande parte das comunicações apresentadas nos seminários *Genre et science. État de la question historique en France et à l'étranger* e *L'invention du naturel: le rôle des sciences dans la conceptualisation et la légitimation du masculin et du féminin*, realizados respectivamente em 24 de janeiro e 24 de abril de 1997 no Centre de Recherche en Histoire des Sciences et des Techniques do Musée de la Villette (Paris). As organizadoras, dos seminários, e do livro, assinam uma oportuna "Introdução" de 20 páginas que não se limita a relatar o andamento dos eventos, mas que comenta e analisa, baseada em boa bibliografia, diversos aspectos da questão gênero & ciências: o discurso científico (abundante) sobre as mulheres (e quase inexistente) sobre os homens; os discursos e práticas sobre o corpo feminino; os conceitos de "sexo" e "gênero" na tradição francesa e na anglo-saxônica – e suas diferenças importantes, que se refletem, quase que diretamente, na produção bibliográfica sobre o tema –; e, finalmente, um quadro dos textos incluídos no livro, situando-os teoricamente.

As contribuições, de autoria de 10 pesquisadoras e um pesquisador, com tradição de reflexão na área de estudos feministas ou de gênero propriamente, algumas de bastante

---

\* GARDEY, Delphine e LÖWY, Ilana. (orgs.) Paris, Ed. des Archives Contemporaines, 2000. 227p. (Coleção "Histoire des sciences, des techniques et de la médecine"). Recebida para publicação em dezembro de 2000.

\*\* DGAE, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.

renome – como Michelle Perrot ou Evelyn Fox Keller, por exemplo –, foram agrupadas em três partes, a saber: “Estudos feministas, estudos de gênero, questões daqui e de lá”, “As ciências humanas frente ao sexo, a natureza e o feminino” e “O biológico, o social e o gênero”. De formas variadas, os textos problematizam, discutem e, em boa medida, revisam a bibliografia em torno da questão-chave do livro, i.é., mostrar que as definições de “feminino” e “masculino”, mesmo (e, sobretudo) quando estabelecidas em bases científicas, são social e historicamente construídas. As diferenças entre ambas as categorias não residem, portanto, nem na natureza, nem no biológico – há que se buscá-las em cada contexto, espacial e temporal, compreender esses “conhecimentos situados”. O texto de Ilana Löwy, traduzido para o português e incluído no presente volume de *Cadernos Pagu*, é esclarecedor para aquelas e aqueles que ainda não conhecem a vigorosa produção bibliográfica que nas últimas três décadas vem desmistificando a imagem de objetividade, neutralidade e universalidade das ciências, e que pode contribuir positivamente para avançar as pesquisas em torno do tema “gênero & ciências”.

Como exemplos concretos daquilo que Ilana Löwy discute num plano mais geral estão três artigos, que compõem a terceira parte do livro. O de Cynthia Kraus, em que a autora, baseada num estudo etnográfico de um laboratório de pesquisas biológicas, ilustra e prova com farto material empírico a construção social bicategorizada do feminino e do masculino para os seres humanos. O de Brigitte Lhomond, que se propõe a revisar, pela via da história, a homossexualidade, até chegar aos esforços atuais de localizá-la no âmbito genético. E o de Jean-Christophe Coffin, também numa abordagem histórica, que discute sexo, hereditariedade e patologias na medicina mental entre 1850 e 1890.

Na segunda parte, além do texto já mencionado de Löwy, encontram-se mais três artigos. Um de Eleni Varikas abordando a naturalização da dominação sobre as mulheres dentro da teoria política clássica, a partir de autores como Pico della Mirandola,

Maquiavel, Jean Bodin, John Knox, Montaigne, Hobbes, entre outros. O artigo de Nicole-Claude Mathieu, uma retomada de questões por ela discutidas dez anos antes, reflete sobre os sexos e a “natureza” na etnologia, trazendo para o debate informações de outros universos culturais. E o texto de Anne-Marie Devreux sobre a re-naturalização do feminino na Sociologia contemporânea, em que critica, com muita propriedade, Pierre Bourdieu. Para quem ainda tem ilusões a respeito do texto desse eminente sociólogo publicado em 1990<sup>1</sup>, e para que não as tem mais, os vários parágrafos escritos por essa autora são leitura obrigatória.

A primeira parte compõe-se também de quatro artigos, todos voltados para um balanço geral dos estudos feministas ou de gênero, pois são as apresentações que integraram o primeiro seminário promovido pelo CRHST/La Villette cujo foco era, justamente, esse. Aí se incluem os textos de Nelly Oudshoorn (sobre os corpos, as técnicas e os feminismos), Evelyn Fox Keller (sobre a migração da temática “gênero e ciências” para “linguagem e ciências”), Michelle Perrot (sobre a História das mulheres na França) e Jeanne Peiffer (sobre os primórdios da crítica feminista às ciências na França), todos quase autorais, fato que, longe de diminuir seu caráter acadêmico, torna-os agradáveis à leitura e cativantes para o intelecto.

Ao final, uma bibliografia não exaustiva tenta apresentar uma síntese dos principais trabalhos relacionados ao tema do livro, na França e fora dela, mas não alimentemos expectativas quanto à dimensão desse universo estrangeiro, pois ele ainda inclui apenas alguns países europeus e os EUA. Isso, no entanto, não compromete a importância e a oportunidade do livro, que mereceria, a meu ver, ser integralmente traduzido.

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. La domination masculine. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n° 84, 1990, pp.3-31.